

MIGRAÇÕES ESTUDANTIS: DESAFIOS E LIMITES DE INTEGRAÇÃO À SOCIEDADE DE DESTINO

STUDENT MIGRATION: CHALLENGES AND LIMITS OF INTEGRATION IN FOREIGN COUNTRIES

Rogéria Campos de Almeida Dutra

rcadutra@uol.com.br

Doutora em Antropologia Social (Museu Nacional/UF RJ). Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Leonardo Francisco de Azevedo

leonardoazevedof@gmail.com

Doutorando em Ciências Sociais/UFJF

Aline Cristina Laier

alineclaiier@gmail.com

Doutoranda em Ciências Sociais/UFJF

RESUMO

Baseando-se em investigações realizadas com intercambistas - estudantes brasileiros no exterior e estudantes africanos no Brasil - o presente artigo pretende refletir sobre o tema da migração estudantil, e em particular analisar as dificuldades encontradas pelos estudantes na sociedade de destino. Esses intercambistas demonstraram que, apesar do projeto de integração entre povos e culturas associado ao processo de internacionalização do ensino superior, encontraram limites em sua inserção, levando-os a criar estratégias específicas de socialização e integração em terras estrangeiras.

Palavras-chave: Internacionalização do Ensino Superior. Juventude. Migração Estudantil.

ABSTRACT

Based on two research studies on international exchange students - African students in Brazil and Brazilian students abroad - this article aims to analyze student migration, and more specifically the difficulties experienced by these students when they are studying abroad. Despite the internalization of higher education being based on international cooperation and dialogue among different peoples and cultures, these students faced difficulties in terms of integration, leading them to create strategies of socialization in foreign countries.

Keywords: Internationalization of Higher Education. Youth. Student Migration.

INTRODUÇÃO

Os deslocamentos populacionais são fenômenos comuns em qualquer sociedade, variando em suas condições sociais, econômicas, culturais e políticas. No entanto, o movimento migratório não se reduz ao deslocamento geográfico, ao cruzamento de fronteiras e/ou ao fato dos sujeitos percorrerem distâncias maiores ou menores. De maneira semelhante, as populações migrantes não podem ser abordadas como um conjunto homogêneo de indivíduos nômades, já que as formas de mobilidade populacional são difusas no espaço e no tempo. Das investigações realizadas por Ravenstein na sociedade inglesa ao final do século XIX aos estudos contemporâneos, a migração tem se revelado como um fenômeno complexo e diverso, e sua investigação, contribuído significativamente para a compreensão das transformações contemporâneas. (HANNERZ, 1997; MUNIZ, 2002; GREENWOOD & HUNT, 2003; PEIXOTO, 2004).

As análises macroestruturais sobre o fenômeno migratório tendem a abordá-lo em decorrência da conjuntura econômica e política vigente capaz de suplantar os interesses individuais do processo de decisão em se mudar. Privilegia-se, nessa perspectiva, a visão de que as migrações ocorram em decorrência das desigualdades econômicas regionais ou nacionais, onde áreas mais prósperas atraem fluxos populacionais enquanto áreas em recessão, ou menos desenvolvidas, tendem a “expulsar” contingentes populacionais. (SINGER, 1973; MUNIZ, 2002).

A abordagem das redes sociais nos estudos sobre o fenômeno migratório procura destacar, por sua vez, as conexões estabelecidas por migrantes entre regiões de origem e destino, pois que tanto o desenvolvimento quanto o recrudescimento dos fluxos subentendem relações de troca, sejam de pessoas, recursos materiais ou informações. (FAZITO, 2002). Vale ressaltar que essa perspectiva traz como valerosa contribuição à compreensão do fenômeno migratório a ótica do agenciamento dos sujeitos, enfatizando os migrantes como atores sociais atuantes nesse processo.

Apesar da análise dos deslocamentos populacionais através das redes sociais ser objeto de reflexão de diferentes estudos (FUSCO, 2000; FAZITO, 2002; SOARES, 2004; BARBIERI et al., 2010), destacamos as contribuições de Charles Tilly (1976, 1990). Como um dos autores que influenciaram grande parte dos estudos migratórios a partir dos anos 80, Tilly destaca a importância de se compreender a migração considerando o movimento de indivíduos, famílias ou outros tipos de unidades sociais, assim como a distância geográfica, o tempo gasto no percurso, a distância cultural entre o migrante e a sociedade de destino. Salienta, ainda, a importância das histórias de vida do migrante para uma adequada compreensão da intensidade das relações sociais que motivam e auxiliam os indivíduos a se deslocarem. Para este autor, os movimentos migratórios estão implicados em uma gama de expectativas e projetos pessoais que extrapolam o entendimento da migração como simples troca de domicílios legais, pois embora o sujeito seja capaz de racionalizar dificuldades e benefícios da escolha de migrar, ele não o faz sem interferências das estruturas sociais às quais encontra-se ligado, ou seja, “o migrante não se faz sozinho”.

Nesse sentido, associado à análise da forma com que os indivíduos migrantes, provenientes de diferentes origens e tradições, distribuem-se nesse novo destino, é preciso considerar de que maneira indivíduos e grupos sociais constroem suas estratégias de permanência, o que implica, de certa forma, em estratégias de sobrevivência social em território estranho.

A migração estudantil, apesar de cada vez mais presente no mundo contemporâneo, ainda não se consolidou como objeto recorrente de reflexão

no campo das ciências sociais, sendo possível, contudo, identificar uma série de reflexões e investigações sobre o fenômeno (REZENDE, 2009; SILVA & SANTOS, 2012; DANIEL, 2016; SILVA, 2017). O intercâmbio estudantil se define pela junção de várias características migratórias distintas, configurando novas práticas de mobilidades, além de afetar a economia local, onde turismo, estudos, e até mesmo o trabalho, se cruzam. Como um tipo particular de experiência migratória, o deslocamento geográfico permite a esses indivíduos o desenvolvimento de práticas e valores a partir de conexões estabelecidas entre as sociedades de origem e de destino, possibilitando rearranjos singulares entre as experiências vividas nos dois países. (DANIEL, 2016).

Neste artigo, analisaremos esse fenômeno a partir da relação dos estudantes com a sociedade de destino, principalmente no que se refere a sua adaptação, ou seja, as dificuldades presentes em suas narrativas a respeito desta experiência. Apesar de subentendido, nos projetos de internacionalização do ensino superior, o pressuposto do universalismo da ciência ocidental moderna, com a premissa da cooperação internacional entre universidades e instituições de pesquisa; bem como a valorização de títulos, diplomas e competências adquiridos no exterior como recursos qualificados nos debates sobre reforma do Estado e de transformações no campo científico (ALMEIDA et al., 2004), os estudantes enfrentam, em suas experiências, uma série de limitações que colocam em risco o desenvolvimento deste projeto.

Para Simmel (1983) o estrangeiro ocupa uma posição singular no grupo ou país em que se encontra. Não estando totalmente próximo nem totalmente distante da sociedade para onde se foi, ocupa espaço intermediário, uma vez que não se encontra organicamente ligado àquele grupo ou sociedade por laços estabelecidos de parentesco, localidade ou ocupação, mesmo estando próximo fisicamente. Ou seja, “os estrangeiros não são realmente concebidos como indivíduos, mas como estranhos de um tipo particular: o elemento de distância não é menos geral em relação a eles que o elemento de proximidade”. (SIMMEL, 1983, p. 187).

Calvo (2013), a partir da realidade dos intercambistas Erasmus, que circulam principalmente em países da União Europeia, aponta as particularidades desse tipo de migração, como a relativa juventude dos sujeitos e a duração demarcada de sua estadia. Esses estudantes constroem diversas formas de produção de subjetividade, ligadas às funções rituais e estruturais dessa viagem. Como novos sujeitos globais, circulam por diferentes espaços e lugares participando de alguma maneira da indústria turística, mesmo não estando no centro desses empreendimentos. Produzem e constroem, assim, signos distintivos, tanto na sociedade de origem, quanto na sociedade de destino, uma vez que essa experiência se apresenta como marco em suas trajetórias.

Apesar do valor que conferem a essa experiência, o intercambista, como um tipo específico de “estrangeiro”, não consegue se integrar totalmente àquele lugar. A ideia do não pertencimento e da provisoriedade sempre estarão presentes, levando tais atores a buscarem diferentes formas de inserção e construção de relações sociais locais. A condição do intercambista como um tipo específico de migrante, que geralmente já chega à sociedade de destino com data marcada de retorno, faz com que estabeleçam ali uma relação distinta das estabelecidas por outros tipos de migrantes. Talvez não carreguem o “estigma” (GOFFMAN, 1988) dos migrantes clandestinos que se inserem em posições subalternas; mas os estigmas de ser “jovem”, “estrangeiro” e “estudante” os coloca em determinada situação de “exclusão social”. (CALVO, 2014).

A partir destas considerações, apresentaremos alguns relatos de campo que demonstram a condição “especial” dos intercambistas. O presente traba-

lho se baseia, empiricamente, em duas pesquisas (LAIER, 2014; AZEVEDO, 2015) realizadas no âmbito da comunidade estudantil de uma instituição federal de ensino superior que tiveram como foco o deslocamento de jovens rumo à experiência universitária em solo estrangeiro: estudantes brasileiros em países estrangeiros e estudantes oriundos de países africanos no Brasil.

BRASILEIROS NO EXTERIOR: A EXPERIÊNCIA DOS INTERCAMBISTAS DA UFJF

No intuito de compreender a vivência dos estudantes brasileiros no exterior, esta investigação se baseou na realização de entrevistas antes da partida e após o retorno com intercambistas de graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, que viajaram para Argentina, Coréia do Sul, Estados Unidos, França, Itália e Portugal. Apesar da pluralidade e heterogeneidade das experiências relatadas, podemos destacar em seus depoimentos dois temas que se fizeram recorrentes: as frustrações das expectativas, advindas das representações que possuíam em relação ao país de destino, e o isolamento em relação aos “nativos”.

Grande parte dos estudantes havia construído uma série de expectativas a respeito do acolhimento em terras estrangeiras, relatando sua frustração através das dificuldades vivenciadas, seja em relação à língua, à alimentação, a práticas de lazer ou aos procedimentos burocráticos na instituição de destino.

“Primeiro eu achava que eu sabia inglês. Não sabia. A primeira semana eu saí pedindo para repetir porque eu não conseguia compreender, aí a semana seguinte foi de aula e a dificuldade maior foi aquela coisa de que estava entendendo o que estava falando, mas é que esse processo de entender e copiar no caderno, foi muito confuso pra mim. Me senti perdido, me sentia estranho”. (CARLOS, intercambista nos Estados Unidos. Entrevista após o retorno, 01/08/14).

“Eu tive dificuldade em relação a amigos. Não que eu não tenha feito lá, mas eu sentia muita falta dos meus amigos aqui. Quando você tá vivendo um ambiente totalmente novo, assim, eu acho que você tem essa falta. Eu sentia falta de algumas coisas de cultura de bar, de mesa, de Brasil, assim, de sentar. Lá eles têm muito bar, muito, mas, assim, toda a dinâmica em relação a isso é diferente”. (RICARDO, intercambista na Coreia do Sul. Entrevista após o retorno, 18/11/14).

“Uma coisa que eu estranhei no início é que eles [italianos] não têm nenhum tipo de recepção aos alunos estrangeiros [...] isso era uma coisa que eu não esperava, eu achei que era uma coisa, sei lá... Semana pra explicar como que funcionava a universidade, essas coisas assim, isso não teve”. (TIAGO, intercambista na Itália. Entrevista após o retorno, 24/09/14).

Ao se confrontarem com uma realidade distinta do que esperavam, imagem construída a partir do senso comum, compartilhadas pela grande imprensa, ou mesmo presente nos discursos institucionais sobre a internacionalização do ensino superior - a “superioridade” dos países do primeiro mundo, ou a ideia de pertencerem a um grupo seletivo de vitoriosos - foram levados a reconstruir formas de inserção naquela sociedade. De acordo com Ribeiro (1998), a experiência migratória internacional consiste, exatamente, na justaposição de duas formas de representar o pertencimento. Uma relacionada à experiência

prévia do migrante e a outra, referente à nova situação. Dessa forma, o migrante precisa, em certa medida, reificar, mas também ressignificar sua posição e suas expectativas, com vistas a interagir e demarcar seu lugar em terra estrangeira.

Os depoimentos também apontam com frequência a socialização restrita aos pares, ou seja, entre intercambistas, brasileiros ou de outras nacionalidades. Esses estudantes, por estarem na condição de estrangeiro, ocupam uma posição liminar, vivendo de forma substancial a experiência de proximidade e camaradagem entre si. Esse estado em muito se aproxima à experiência de *communitas* analisada por Turner (2013), que procura descrever como a situação de liminaridade produz a condição efêmera vivenciada por sujeitos que se encontram temporariamente fora da estrutura social. Se para Turner a própria experiência da juventude na época da contracultura se caracterizava como experiência liminar, no caso destes intercambistas, a essa condição se associa à situação de estrangeiro. A comunhão e coesão grupal ocorrem a partir de sua situação particular de “estar fora”, sublevando-se os marcadores distintivos tais como classe social, religião ou mesmo origem, em torno da experiência comum de uma identidade em suspensão, ou seja, provisoriamente indefinida. Esses jovens, nessas dinâmicas, constituem trajetórias transnacionais, a partir de uma “mistura experiencial” - educação, lazer, evasão, cultura - articulada pela dimensão juvenil desse tipo de mobilidade. (CALVO, 2014). A juventude, no processo histórico de constituição de seu significado social na sociedade contemporânea, acabou por incorporar algumas características, como “liberdade” e “desprendimento”, compreendendo que é nesse período em que se é possível vivenciar novas e diversas experiências. Nessa perspectiva, compreende-se esse ciclo de vida a partir da constituição de um *ethos* capaz de ultrapassar as fronteiras territoriais e simbólicas aos quais estiveram circunscritos durante a infância e adolescência. Como uma moratória social (MARGULIS & URRESTI, 1996), a juventude, sobretudo universitária e de classe média, tem direito a um tempo para se dedicar aos estudos e capacitação, gozando de certa tolerância quando comparado a outros grupos na mesma condição. Essa condição liminar na sociedade de destino fica clara a partir dos depoimentos dos interlocutores da pesquisa:

“Não era o que eu esperava. Eu acho que eu tinha uma visão muito romaneada, televisionada dos americanos, que não se tornou real. São muito fechados, muito na deles, não tem essa questão de proximidade, de ajudar, de contato. Os primeiros amigos foram estrangeiros que estavam na mesma situação que eu, então a gente acabou agrupando. Depois, com muito custo, que eu fiz amizade com um americano [...] então, muito difícil ter esse contato. [...] [Fiz] muita amizade com chinês, achei muito acolhedores, alguns indianos, teve um espanhol que é um grande amigo meu. Mas tudo gente de fora”. (CARLOS, intercambista nos Estados Unidos. Entrevista após o retorno, 01/08/14).

“[...] eu me sentia um pouco rejeitada lá, sabe? Você chegar num restaurante e você falar: “eu quero isso” e o garçom não entender e meio que rir da sua cara... Isso aí é meio chato [...] A gente acabou ficando entre a gente, que a gente não tinha amigos franceses, não tinha outros, então a gente andava entre a gente e falava português o tempo inteiro. [...] estavam misturados com a gente, eram os brasileiros e alguns de outros países”. (ADRIANA, intercambista na França. Entrevista após o retorno, 31/07/14).

“Por eu estar convivendo com pessoas daqui [do Brasil], você acaba se fechando de certa forma. Mas eu fiz muita amizade com italianos. Eu fiz dois, três amigos italianos, dois deles eu tenho muito contato hoje ainda, e, que assim, a gente fazia tudo junto. [Conheci] na Pousada da Juventude, assim que eu cheguei [...] eles estavam na mesma situação.

Eu acho que os intercambistas são muito mais abertos, por se compreenderem, estarem na mesma situação e tal, do que os portugueses assim. Até mesmo porque eu acho que os portugueses se fecham muito no grupo deles também”. (RITA, intercambista em Portugal. Entrevista após o retorno, 09/09/14).

Tal experiência afeta, conseqüentemente, os projetos e perspectivas desses intercambistas. Uma das interlocutoras da pesquisa, estudante do curso de Letras, tinha como objetivo, ao ir para Paris, aperfeiçoar-se na língua francesa com o intuito de se profissionalizar. Entretanto, afirma, após seu retorno, que poucas foram as oportunidades de “falar francês”, o que a fez repensar seus objetivos profissionais:

“Eu sempre quis muito a França. Eu acho que, mesmo que tivesse Canadá, o francês não ia ficar tão evidente pra mim. No meu caso, é só o francês que eu quero mesmo”. (ADRIANA, entrevista antes da partida, 08/08/13).

“Os franceses mesmo, assim, são muito fechados, né? E então, na universidade mesmo, o pessoal que era nativo, assim, a gente quase não conseguiu fazer amizade. Já a gente conseguiu fazer muita amizade com os estrangeiros que estavam estudando lá também e só. Falar francês, aquela coisa de ficar falando francês o dia inteiro foi pouco [...] é difícil você conseguir um lugar pra você dar aula de francês, sabe? E como assim, eu cheguei, não consegui fazer tudo que eu queria fazer lá, por exemplo, aí eu vou chegar aqui, eu sei que isso talvez não me ajude tanto quanto eu imaginava, eu peguei e falei assim: ‘poxa, então vou partir pro português...’” (ADRIANA, entrevista após o retorno, 31/07/14).

Ao comparar as expectativas desses estudantes antes da viagem com os relatos ao retornarem, fica claro que ser estrangeiro é um vetor fundamental no processo de socialização no país estranho. Entretanto, essa condição liminar não é privilégio apenas dos intercambistas brasileiros no exterior. Ela também está presente na experiência dos estudantes africanos no Brasil, apresentando, porém, outros contornos.

ESTRANGEIROS NO BRASIL: A EXPERIÊNCIA DOS INTERCAMBISTAS AFRICANOS

A maioria dos estudantes africanos da comunidade acadêmica da instituição investigada é proveniente dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), participantes do “Programa Estudante Convênio” (PEC-G) – acordo bilateral criado pelo governo brasileiro para atrair estudantes latino-americanos e africanos para as instituições brasileiras. (MUNGOI, 2006; GUSMÃO, 2008; BRASIL, 2010).

Observa-se que parte significativa das dificuldades encontradas por esses estudantes estão relacionadas à sua origem. As grandes questões para eles, observadas em campo e em entrevistas, referem-se às representações dos brasileiros sobre a África: a falta de conhecimento sobre o continente africano, tratando-o como homogêneo social e culturalmente, bem como à experiência de preconceito e dificuldades em relação à língua portuguesa.

A língua foi apontada pelos intercambistas como um dos fatores causadores de acusação (GOFFMAN, 1988) por falarem “errado”, em português

“diferente do português falado no Brasil”. Alguns relatam situações em que foram advertidos a falarem “direito”, pois não eram compreendidos na “língua em que falavam”. Tiago, de Guiné-Bissau, refere-se à experiência de constrangimento quando fez uma pergunta ao professor em sala de aula e este o criticou pelo modo como falava “errado”:

[...]ele me ofendeu sabe, faltou dizer que eu era burro, que não sabia falar. Meus amigos me consolaram, pois fiquei mal, reclamei na diretoria, mas acho que nada aconteceu com o professor. Eles não entendem que falo um português diferente e que estou aqui tentando aprender”. (TIAGO, 08/07/2013).

Grande parte dos intercambistas dos PALOP tem o português como segunda ou terceira línguas faladas em seus países. O argumento da língua portuguesa como patrimônio comum, usado recorrentemente nos convênios celebrados entre o Brasil e os PALOP, fica restrito ao universo das representações de uma unidade histórica entre Brasil e África lusófona. O apelo ao idioma comum possui pontos conflitantes do ponto de vista dos estudantes, pois remete ao passado colonial dos países africanos, cuja herança cultural está atrelada a séculos de exploração e dominação. Portanto, o idioma comum perpassa relações de poder inerentes ao campo político, o que na prática ainda está longe de remeter a homogeneidade e união. (GUSMÃO, 2008).

Essa inviabilidade do discurso da irmandade Brasil – África também é visível nos depoimentos que se referem a situações de racismo. Alguns alegaram não ter sentido o racismo de forma direta, argumentando que o racismo é uma especificidade dos negros brasileiros para com eles mesmos. Porém, em diferentes depoimentos essa dimensão da realidade brasileira foi evidenciada.

David, por exemplo, afirmou ter enfrentado preconceito por ser negro e africano. Dentre os desafios à adaptação ao Brasil, relata a dificuldade de lidar com os universitários brasileiros. Lembra que no início do curso se sentia constantemente constrangido devido a brincadeiras que faziam referência a sua origem e a sua cor, além dos apelidos. Afirma ainda que por não gostar das brincadeiras ficou com fama de ser muito sério, sendo considerado aquele que “não sabe brincar”.

“...mas é o que falo, não adianta você fazer uma piada onde todo mundo vai rir, e a piada é com você e você fica putado, não adianta... Eu acho que o povo brasileiro, ele brinca muito, sacou? E não tem noção de quando se deve parar ou não... e eu acho que é algo muito errado.[...] Não, sério então... aqui no Brasil têm muitos preconceituosos mesmo, muito racista velho. Racista pra “caralho”. Na universidade têm cara!” (DAVID, cabo-verdiano, entrevista realizada em 15/06/2013).

Esses estudantes apontaram igualmente o que julgaram ser “o caráter assistencialista do PEC-G”, cuja disponibilidade de vagas é identificada pelos universitários brasileiros como um tipo de “caridade”:

“...já passou da hora de ficar claro para os africanos e para os brasileiros que não estamos aqui por piedade. O Brasil possui interesses econômicos importantes na África, o Brasil tem potencial e quer se tornar potência. Então estamos aqui não só para atender os interesses nossos e dos nossos países, mas também para atender os interesses do Brasil, que quer criar mercado na África, então quer que a África se desenvolva também por interesses próprios”. (ELTON, guineense, conversa informal realizada em 23/05/2013).

Os relatos sobre preconceito também apontam para o desconhecimento dos brasileiros acerca da realidade africana, tratando-os como se viessem de tribos e selvas, indagando-os se onde moravam havia casas ou reproduzindo a noção de África como um único país. Tal contexto de desconhecimento do continente africano e da visão assistencialista na vinda e permanência de estudantes africanos nas universidades brasileiras foi motivo de forte embate durante a conferência de abertura do I Encontro Internacional de estudantes PEC-G e PEC-PG, que ocorrera em novembro de 2013, na cidade de Recife-PE. O depoimento de um estudante beninense da plateia relatou diversas discriminações que sofreu por ser negro e estrangeiro no Brasil, como ser indagado se em seu país havia casas, prédios, se viam televisão e até mesmo se “brincavam com leões”: “não adianta só ensinar português e coisas sobre o Brasil para nós. Vocês têm que ensinar sobre a África e sobre preconceito para os brasileiros”

Esses jovens saem de seus países com a perspectiva de passarem todo o período do curso superior no Brasil - entre 4 a 6 anos - muitas vezes sem a possibilidade de visitar seus familiares. Ao encontrarem conterrâneos e outros africanos na mesma situação, tecem redes de sociabilidade de modo a facilitar a integração no país estrangeiro. Tais redes e comunidades formadas tornam a experiência migratória “menos traumática”, possibilitando a realização de encontros que marcam a união e fortalecem vínculos, como a organização de festas temáticas, chamadas de “Festa Africana” ou “Conexão África”. (DUTRA & LAIER, 2015). Se por um lado há a necessidade de garantir esses espaços de convivência entre eles, por outro lado essas festas, mesmo que apresentem bandeiras, músicas e culinárias de países distintos, não conseguem demarcar essas diferenças internas de forma tão clara para o público brasileiro. Assim, acabam por tratar a África como os próprios brasileiros a representam, como um todo indistinto, sem haver um esforço substancial para assinalar as diferenças internas do continente. Tais contradições são inevitáveis e demonstram o desafio que é, para esses estudantes, se inserirem num país estrangeiro, ressignificando suas identidades.

Essa experiência da migração implica, obrigatoriamente, em transformações individuais, de suas perspectivas e objetivos, podendo levá-los ao afastamento dos objetivos antes propostos, uma vez que essa nova inserção exige a adaptação contínua a um universo diverso do seu. Apesar de estarem envolvidos em objetivos aparentemente específicos, travados no âmbito institucional entre seus países e o governo brasileiro, garantindo formação superior e regresso a seus países de modo a atuarem no processo de desenvolvimento e modernização, percebeu-se que, enquanto alguns de fato planejam retornar aos países de origem após a conclusão de seu processo de formação, outros almejam novos deslocamentos. Assim, a migração estudantil pode significar processos distintos. Por um lado, pode representar um projeto temporário, com vistas a atender expectativas governamentais, por outro, a própria experiência de migração pode acarretar a revisão de projetos pessoais. Dessa forma, migrar para estudar é algo que opera transformações para além da perspectiva profissional; novas possibilidades são colocadas diante dos sujeitos, que surgem por meios formais e informais da instituição universitária e do novo contexto social. (VELHO, 2003; GUSMÃO, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intercâmbio estudantil, de forma diversa a outros tipos de migração, é um fenômeno incentivado e valorizado, objeto de acordos bilaterais, sendo considerado estratégico para o desenvolvimento científico, econômico e social para os Estados-nação. Faz-se presente, igualmente, na narrativa dos

intercambistas a perspectiva do “prazer por viajar, capacidade de falar línguas estrangeiras, adaptação a novos contextos, e tolerância perante as diferenças culturais”. (CALVO, 2014, p. 58); ou nos termos de Murphy-Lejeune (2001), o projeto de incorporar certo “capital de mobilidade”

Entretanto, apesar das intenções institucionais, esses estudantes passam por dificuldades no processo de integração e socialização, com graus diferenciados de êxito na sua superação. Há certa mistificação em torno desse tipo de deslocamento, em que o ciclo geracional desses estudantes – a juventude – é tida como uma “etapa” de descobertas e aprofundamento de construções identitárias. Nessa perspectiva, os deslocamentos estudantis são valorizados e considerados, por muitos, como uma etapa importante em suas vidas.

“As viagens de juventude são períodos de aventura e construção da subjetividade consistentes na desvinculação temporária do mundo dos adultos. Aliás, se realizados entre iguais, as viagens proporcionam aquela intensidade relacional própria das vivências juvenis (afirmação duma visão partilhada do mundo, exaltação da amizade, aprendizagens vitais), aumentada pelo processo interestrutural que supõe uma estadia no estrangeiro”. (CALVO, 2014, p.57-58).

Se por um lado a experiência do intercâmbio é associada à idealização das viagens de juventude, cujo pressuposto cosmopolita dialoga diretamente com a retórica da cooperação e internacionalização das universidades, a realidade encontrada por esses estudantes diverge dessas expectativas. Essa dificuldade está presente em todo tipo de migração, mas apresenta um contorno particular em função de expectativas específicas de sujeitos e grupos, como de se integrar ao sistema científico mundial; de retornar ao país de origem para construir uma trajetória diferente da que tinha antes; ou mesmo permanecer no país para onde se foi.

Os imigrantes surgem como um Outro no processo de inserção na sociedade acolhedora, ficando muitas vezes apartados em áreas específicas das cidades, refletindo o processo de segregação, seja econômica, seja étnica/cultural. Os intercambistas, entretanto, são um tipo de migrante que desafia a construção de novos tipos de cidadania, pois não são clandestinos, a ponto de sofrerem uma clivagem tão forte nos espaços urbanos, mas também não possuem um estatuto claro perante os Estados-nação e os cidadãos que os recebem. São estrangeiros e ao mesmo tempo representantes de acordos governamentais internacionais. Pensar em novos tipos de cidadania requer que compreendamos os projetos individuais desses atores, que mesmo agindo através de tais acordos, também são compreendidos como potenciais migrantes definitivos. (ROBERTSON, 2008; MOL, 2011).

O intercâmbio estudantil tem se apresentado como um tipo de migração cada vez mais frequente. No Brasil, as políticas de fomento a esse tipo de deslocamento cresceram vertiginosamente nas últimas décadas, tanto para receber estudantes estrangeiros como para enviar brasileiros para o exterior. Dessa forma, conhecer de perto essas dificuldades, focando na vivência dos atores, traz à luz a experiência daqueles que dessas políticas se beneficiam.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Maria F.; CANÊDO, Letícia Bicalho; GARCIA, Afrânio; BITTENCOURT, Agueda Bernadete. *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

AZEVEDO, Leonardo Francisco de. *Deslocamentos estudantis: juventudes, trajetórias e a geopolítica do conhecimento científico*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

BARRETO, Alessandra; DUTRA, Rogéria C. A. *Quando o campo se move: trajetórias e projetos entre redes locais e transnacionais*. *Antropolítica*, Niterói, v. 1, n. 32, p. 65-85, 2012.

BARBIERI A.F., DOMINGUES E., QUEIROZ B.L., RUIZ R.M., RIGOTTI J.I., CARVALHO J.A.M., RESENDE M.F. Climate change and population migration in Brazil's Northeast: scenarios for 2025-2050. *Population and Environment*, v. 31, n. 5, p. 344-370, 2010.

BRASIL. *Educação para estrangeiros: Programa PEC-G e PEC-PG*. Brasília: Ministério da Educação, 2010. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/sobre/educacao/educacao-para-estrangeiros/programa-pec-g>>. Acesso em: 29 set. 2013.

CALVO, Daniel Malet. "Procesos de revalorización patrimonial en el barrio de Alfama: el papel de los estudiantes Erasmus en la tematización de la ciudad". *Etnográfica*, v. 17, n. 1, p. 31-50, 2013.

CALVO, Daniel Malet. "Tornar-se outra pessoa": Narrativas de transformação subjetiva e processos de distinção entre os jovens estudantes Erasmus em Lisboa. *Antropolítica*, n. 37, p. 51-77, 2014.

DANIEL, Camila. Mobilidade estudantil internacional como uma experiência migratória: o caso dos estudantes peruanos no Rio de Janeiro. In: PÓVOA NETO, H.; SANTOS, M. O.; PETRUS, R. *Migrações: rumos, tendências e desafios*. Rio de Janeiro: PoloBooks, 2016.

DUTRA, Rogéria Campos de Almeida; LAIER, Aline Cristina. Festas Africanas: identidade, celebração e sociabilidade entre intercambistas em Juiz de Fora-MG. *Crítica e Sociedade*, v. 5, n. 2, p. 144-168, 2015.

FAZITO, Dimitri. A análise das redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. In: *Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. Ouro Preto: UFOP, 2002.

FERREIRA, Rubens da Silva. *Estudantes estrangeiros no Brasil: migrações, informação e produção de diferença*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FUSCO, Wilson. *Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Departamento de Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, Rio de Janeiro: Editora LTC, 1988.

GREENWOOD, Michael J; HUNT, Gary L. *The early history of migration research*. *International Regional Science Review*. v. 26, n. 1, p. 3-37, 2003.

GUSMÃO, Neusa. África e Brasil no mundo acadêmico: diálogos cruzados. In: *Colóquio Internacional Saber e Poder*. Campinas: Unicamp, 2008. Disponível em <<http://www.fae.unicamp.br/focus/textos/GUSMAO%20-%20Africa%20e%20Brasil%20no%20mundo%20academico.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

HANNERZ, Ulf. *Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional*. *Mana*, vol. 3, nº 1, p. 7-39, 1997.

LAIER, Aline Cristina. *Ensino "além mar": trajetórias e travessias de estudantes africanos no ensino superior em Juiz de Fora – MG*. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

- MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: ARIOVICH, Laura. *La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud*. Buenos Aires: Biblos, 1996.
- MOL, C.V. The influence of student mobility of future migration aspirations. Empirical evidence from Europe and recommendations to study the impact of international exchange programmes. *Canadian Diversity/Diversité Canadienne*, v. 8, n. 5, p.105-108, 2011.
- MUNGOI, Dulce M. D. C. J. “*O Mito Atlântico*”: Relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre no jogo de reconstrução de suas identidades étnicas. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Departamento de Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- MUNIZ, Jerônimo Oliveira. *Um ensaio sobre as causas e características da migração*. Mimeo. 2002.
- MURPHY-LEJEUNE, E. *Le capital de mobilité: genèse d’un étudiant voyageur*. Revue en Ligne, Mélanges Crapel, n. 26, p.137-165, 2001.
- PEIXOTO, João. *As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas*. Lisboa: SOCIUS, Universidade técnica de Lisboa, 2004.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. Goiânia, Califórnia. Vulnerabilidade, ambiguidade e cidadania transnacional. *Série Antropologia*, v. 235. Brasília: DAN/UnB, 1998.
- ROBERTSON, S.K. *Negotiated Transnationality: Memberships, Mobilities and the Student-Turned-Migrant Experience*. PhD Tesis, School of Global Studies, Social Science and Planning, RMIT University, Melbourne, 2008.
- SILVA, Kelly; MORAIS, Sara Santos. *Tendências e tensões de sociabilidade de estudantes dos Palop em duas universidades brasileiras*. Pro-Posições, 23 (1), p. 163-182, 2012.
- SIMMEL, Georg. “O estrangeiro”. In: *Evaristo Moraes Filho (org.), Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.
- SINGER, Paul Israel. *Migrações Internas: considerações teóricas sobre o seu estudo*. In: *Economia Política e Urbanização*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.
- SOARES, Weber. Análise das redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional. *Revista brasileira de Estudos de População*, v. 21, n. 1, p. 101-116, jan./jun. 2004.
- TILLY, Charles. *Migration in Modern European History*. Universidade de Michigan, 1976. Disponível em: <<http://faculty.utep.edu/Portals/1858/Tilly%201976%20Migration%20in%20Modern%20European%20History%20Dpblue145.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2017.
- TILLY, C. Transplanted Networks. In: *YANS-Mc LAUGHLIN, V. (Ed.). Immigration Reconsidered*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*, Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- REZENDE, Claudia Barcellos. *Retratos do estrangeiro: identidade brasileira, subjetividade e emoção*. Rio de Janeiro. Brasil: Editora FGV, 2009.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose – Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.